

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. VI FEIRAS E MERCADOS.**

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1940 | Número: 50

---

### **Como citar este documento:**

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. VI Feiras e Mercados. *Revista de Guimarães*, 50 (3-4) Jul.-Dez. 1940, p. 215-262.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Curiosidades de Guimarães

---

VI

## Feiras e Mercados

(Cont. do vol. ant., pág. 177)

### **As romarias. A psicologia dos letreiros e o valor dos pregões:**

As maiores festas do Minho, que se realizam afastadas dos centros urbanos, são ainda, embora pàlidamente, uma fresca amostra das imponentes feiras medievais, pelo arrumo do seu comércio barraqueiro, ao longo de espanados recintos, e pelo alinhamento dos ambulantes, que vendem sôbre balaios e gigões de vêrga, e das tendeiças que expõem sôbre tabuleiros amparados em cangalhas de madeira.

O negócio, nestes divertidos arraiais, é variado, movimentado, algazarrento, picaresco, a que a folia empresta graça e giros espanejados de côr. Palanquins de vistas e de palhaços, exposições de feras e vários abortos humanos, circos de acrobacias, passarinhos sábios, tirando as sortes com o bico, botequins, bufarinheiros, vendedores de violas, cavaquinhos, tambores e pandeiretas, instrumentos amigos das tunas e festadas, fazem o seu feirar à sombra piedosa dos ajuntórios de romaria e de promessa.

São uns arraiais perfeitamente comercializados, onde a prática, a experiência e a luta pela vida criaram uma típica expressão em reclamos singelos, propaganda improvisada de letreiros, onde o espírito do

povo se mostra gracioso, ingénuo e abertamente aclarado nas suas inclinações e influências.

Perderam os arraiais o seu carácter de tradicionalismo, que era puro no jôgo da cantoria e na airosidade do traje campesino, na lindeza dos andores, na imponência dos seus arcos de festa e bizarria dos festões de murta e dos copinhos de papel. Ganharam mais compostura, mais vida, mais intensidade económica de aspecto regional, sem que o lucro, todavia, trouxesse incremento devoto e mais salvação de almas perdidas.

Dêste modo se observa como as maiores festas, iniciadas num seio fundamentalmente religioso, abrigaram depois, pelo impulso popular e em satisfação das exigências e necessidades da época e dosromeiros, a sua faina comercial.

O pregão verbal e as queixas musicadas dos pedintes, andam no ar entre o estouro dos foguetes e as notas das bandas paisanas.

Os cegos, relatam por folheto os crimes mais recentes e os fados revisteiros mais em voga.

Os realejos, os cornetins, os rufos e as campainhadas atordoam o povo e fazem esganiçar os palhaços e pândegos das tribunas:

*E' entrar! E' entrar! Ver para crer!*

As mulheres das sinas, os charlatães das mèzinhas, os vendedores das limonadas e os farroupilhas que enganam meninos e lhes papam o pão com as mil bugangas de papel e madeira, formam o novelo denso daquelas dobadoiras romarieiras.

Em S. Torcato é assim.

Ali aparecem tôdas as diversidades do comércio quinquilheiro e todos os caprichos de divertimentos baratos.

Os tasqueiros, lá para o recanto das convidativas sombras, com as pipas nos leitos dos carros e o conduzido em travessas folhadinhas de verde salsa, correndo ao cimo dos bôjos ventrudos da cascária, e os botequins fumegando cheiros de café, licoriças e cachaças, erguem as suas tabuletas de reclamos curiosos, numa adequada figuração, enfeitadas de galhardetes de ver-

dura, sempre-verde e papelinhos bandeirantes de misturadas côres.

Os rústicos arraiais feirantes espevitam mais a atenção do povo e levam-no súpetamente à tentação da compra.

Um cigano ou um tendeiro, fazem mais depressa o seu negócio do que um comerciante de portas adentro.

O paleio verboso e os cómicos trejeitos destes ambulantes persuadem e hipnotizam a rudeza do povo e levam-no insensivelmente a comprar quaisquer mercadorias, sem aquelas aturadas reflexões sobre preços e qualidades, e com a mesma facilidade com que o fazem cair no vigário e endróminas da vermelhinha.

O povo é um tentado da côr, do palavreado e do apetite. Onde se vir um pregoeiro anunciando rifas pelo novo processo da tômbola, uma fanfarrinha de chamariz para qualquer função, uma tocata para qualquer bazar de prendas ou uma tabuleta anunciando e gritando o bom verdial e os bons pitéus, lá está o povo, pela certa. Onde houver lenços e chitas berrantes e estendal cascadeiro de mostruário, fartura de exposições e montras com lotes de saldos, lá se encontra o povo, aos magotes. Onde estiver um charlatão a discursar maravilhas, um cego a cantar fados, uma viola a chamar dançadores e uma harmónica a soprar modinhas, lá permanece a basbaquice do povinho.

O valor do reclamo é tudo. Assim foi em todos os tempos. E facilmente verificamos êste acêrto, percorrendo aquela borralheira escaldante do arraial de S. Torcato.

O comércio de comes-e-bebes é o mais importante. Tirar a barriga de misérias e fartar o papo de doçaria, é a condição principal nos dias de rija festança. Vai até se lhe chegar com o dedo, tão fartos e entumecidos são os farnéis e almeiros do povo, estendidos pelas frescas arrelvadas ou pelas mesas dos vendeiros improvisados, com toldos e ramalhoscas de cobertura, festões de murta e bandeiras de enfeite ao alto, como penachos de grande gala.

Até a vista se consola e a água vem à bôca: sal-

picões anegrejados do fumeiro, com a carne avermelhada do banho de vinha de alhos; frangos sequinhos de fêveras, por terem vertido ao espêto tôda a enxúndia, e tão loirinhos, da côr do sol; postas de bacalhau, com salpicos de salsa amarrados ao ôvo batido que as fritou, grandes, grossas, do peito, o espinhaço a querer desamarrar-se da brancura dos cavacos; bolinhos abatados, pequeneiros como ovos de pita, assim tostados como a crosta do pão-leve; tranqueiros de cabrito assado, tassalhos de carne cozida, do picadouro, todo um arsenal valente de carnes frias, que só o verdasco fumeguiço da nossa região é capaz de amolecer, uma vez caído em demasia nas tripas pandas dos mais retesados arcaboijos. E' assim mesmo. Só visto e experimentado.

De maneira que êste assenhoreado comércio de comes-e-bebes sobreleva a todos os outros, que se medem por mais modestos na concorrência: botequins, com pirolitos e refrescos, quinquilheiros, doceiras, padeiras, vendedores de flores de papel, de artigos religiosos, de chapéus de palha, enfeitados de papel e de bichas de sabugueiro, bengalas de cana, com feitiços gravados a ferro em brasa, etc., etc. (1).

Também se cozinha nos tasqueiros, ao ar livre, porque o arraial vai de um dia ao outro, com noitada alerta, foguetório de vistas, músicas, alegrias, pândegas, noite de iluminações e de braços dados, noite que mais sopeiras desapatroa e que até faz parar as fábricas na segunda-feira, para descanso dos corpos das tricanas, estafados do desengonço das danças, olhos enchoupilados de sono, que tôda a santa noite palpebraram a ver no ar os lampos dos morteiros e as lágrimas dos balões, fogachos rubros como línguas de clarão infernal.

E quanta gente atraída pelos cheiros!

Arroz com feijão fradinho ou canário, a fugir pelas travessas; tripas folhudas, com os respectivos

---

(1) Diz-nos Abade de Tãgilde serem muito conhecidas em S. Torcato as Casas de petiscos do Lamego e do Campafinhas.

Existem actualmente a «Pensão Central» e uma meia-dúzia de tabernas.

complementos, o feijão manteigueiro a desfazer-se, naquela massa forriquentada de empanturrar; batatas ensopadas com gordipalhos de vitela e fêveras de carneiro; caldo de repolho, aos farrapos, com olhinhos de azeite e migas de pão acentado e mais coisas que só uma aguada apetência poderia descobrir.

A hortelã, a salsa, os pòjos, as lestras, os alhos, o vinagre, o limão, a pimenta, o pimentão doce e os cominhos andam sempre a condimentar estes verdadeiros e regalados pratos de guerra da cozinha portuguesa.

E os avisos mandam. É observar.

Diz um:

ATENÇÃO!  
AQUI É BOM.

Outro completa:

ALTO AQUI!  
CÁ ESTÁ A CANTÉ  
COM O BELO VINHO E COMIDAS  
PARA CONSÔLO DO CLERO,  
NOBREZA E PÔVO. (1)

Numa tabuleta-bandeira, encontra-se um bêbado, pintado a óleo, de caneca em punho, agarrado a um lampião:

PAREM CULEGAS  
ESTA PINGA É DE ESTALO.

Um botequim avisa:

ALTO!  
BOM CAFÉ E LARANJADAS  
QUEM O DIZ É O ZÉ.

---

(1) Alguns curiosos letreiros-reclamos publica na «Lusa», vol. IV, pág. 115, Cláudio Basto, que os obteve na Feira de Agosto, em Lisboa.

### **O antigo comércio local — Os pregoeiros. Praxes velhas — Anúncios modernos:**

O grande núcleo de mercadores, que pelos fins do século XV e princípios do século XVI entre nós se desenvolveu, numa progressiva escala de comércio, descendia, em linha directa, daquelas classes populares mozarabes que depois do alvorecer da monarquia invadiram todos os agrupados municipais.

Vê-se pelos documentos inéditos do Mosteiro de Souto, publicados nos primeiros fascículos da "Rev. de Guimarães" pelo Abade de Tãgilde, e nos da Colegiada, publicados no "Arqueólogo Português", que nos séculos XIII e XIV já o número de mercadores era regularmente acrescido na parte alta do Castelo.

As grandes transacções, as grandes famas e as perigosas aventuras do tráfego marítimo dêstes nossos mercadores, de que nos fala um valioso documento manuscrito do começo do século XVI, em breve fraquejaram, porque outros meios, de maior desenvolvimento, para êles chamaram as vantagens dêsse grosso comercializar. Esta terra, porém, não ficou nem enfraqueceu os passos, e abriu, desde logo, campo largo aos arrosos industriais. Perdeu o seu núcleo de mercadores, mas passou a ter um alobre de indústrias assinaladas (!).

O referido documento dá-nos indicação do que em panos de linho, de estôpa, toalhas, baetilhas, linhas, burel, calçado, negalhos, punhais, espadas, sombrei-

---

(!) Em 1628 tomou a Câmara severas medidas para não deixar sair do concelho linha ou pano de linho.

Aí por 1640 andavam diversos mercadores a arrebanhar o que podiam em linhas, baetilhas e pano de linho, o maior trato da vila nestas alturas, que exportavam para Sevilha e Madrid. — (Ver as curiosas determinações tomadas pela Câmara sobre este assunto na sessão de 24-7-1640). Dêstes produtos a exportação atingia o valor de uns 200 mil cruzados por ano.

Correram em várias alturas muitas sentenças na Relação do Porto, por via dos mercadores que cortavam o concelho de Guimarães no descarado atravessamento daqueles artigos. — (Ver os Livros de Registos da Câmara Municipal).

ros, cordovão, feltros, panos da Covilhã, etc., os nossos mercadores exportavam em grande escala, e do que importavam em açúcar, pimenta, cravo, canela, açafão, gengivre, algodão, incenso, várias quinilharias, etc. (1). As nossas indústrias tinham larga expedição de produtos para o Norte de Espanha, para tôdas as províncias do País e terras de África, Ásia e América do Sul.

O comércio de retalho viveu sempre em pobreza à sombra das indústrias que enriqueciam o País e davam nomeada à terra de Guimarães (2).

Os comerciantes eram, como ainda hoje, na sua maioria, provindos das camadas humildes, depois de terem marcado uma larga tarimbagem nas escalas de marçanos e caixeiros.

Ajustavam depois a sua posição na sociedade, falhos de mediana instrução, eivados de funda desconfiança e supersticiosos em extremo, por temperamento nato.

A falta de um preparo comercial, de uma agremiada defesa colectiva, o meio restrito onde lançavam a porta aberta a um público exigente e dado ao crédito, botando as dívidas às laudas do fiado, as condições de um negócio miúdo, servido a gente humilde e marralheira, foram um conjunto de circunstâncias de

(1) «E Plínio no livro I, capítulo segundo, da sua Natural História, conta que em uma cidade de Galiza que se chama Zoclia, se dava um género de linho de que se faziam linhas para redes de pescar e outras cousas de tanta rijeza que os romanos levaram a semente dêle a Itália, e lhe chamavam Zodico. E lançada bem a conta por os sinais, que Plínio dá, ou esta cidade era Guimarães, ou estava perto donde Guimarães agora está: porque diz que era cidade de Galiza e propínqua ao mar Oceano. E Guimarães não há dúvida estar dentro da Galiza, segundo a divisão dos antigos no tempo de Plínio, e não estar longe do mar de que dista oito léguas sômente: e nela se dar o linho de que se fazem as delgadas e finas linhas e de maior alvura que há em todo o universo.» — (*Descrição do Reino de Portugal* (Ed. de 1609), por Duarte Nunez de Leão, pág. 59).

(2) Em Minde, concelho de Alcanena, são usadas, entre cardadores e negociantes, as seguintes expressões: *o de Guimarães, a de Guimarães, um de Guimarães*, que designam *tesoura, canivete, toalhas*, etc., por serem fabricados em Guimarães estes objectos. — («Revista Lusitana», vol. 37.º, 1939, pág. 121).



ordem moral e social que pesaram sempre, um ror de anos e séculos, sôbre o vèlho comércio de outras eras, não o deixando sair daquele ronçeirismo pavoroso e molesto.

Só a conjugação de muitos factores de fomento podem animar e despertar as energias comerciais.

Não bastam o progredimento e o enriquecimento das indústrias.

E' indispensável que a agricultura não definho e seja amparada, pois é uma arte das mais trabalhosas e caras nas fôlhas dos serviços e arroteios.

Acima dêstes amparos e dêstes progressos, uma larga visão municipal pode operar muito em seu favor.

O comércio vive da expansão local, vive do intenso movimento da sua população remunerada e ocupada, vive da maior freqüência das suas feiras e das mais improvisadas festanças e romarias.

Curioso seria apontar se no alvorecer dêste comércio miúdeiro, que por tôdas as partes devia ser o mesmo, pelo menos nas localidades afastadas dos grandes centros, que viviam dificultosamente pela morosidade dos transportes e exigüidade das mercadorias, curioso seria apontar, como dizíamos, se entre êste nosso comércio local, os falados pregoeiros da Idade-Média exerceriam a sua função anunciadora.

Nas feiras, já os pregoeiros se espalhavam na grande luta de primazia, pondo em destaque as qualidades e baratezas dos artefactos, anunciando elixires e destacando os produtos regionais, pois que as feiras eram por êsses tempos, as mais eficazes propagadoras das indústrias laborosas, prolongando-se uma série de dias dentro dos vèlhos burgos, numa tradição de pureza em tôdas as exposições de venda e em tôdas as marcas de fabrico. Assinalavam, de passo, as maiores fontes de economia portuguesa, donde participavam, em cobrança modesta, os cofres municipais.

Nas povoações ou nos bairros das grandes cidades, êsses pregoeiros convocavam, ao rufo do tambor ou ao som da trombeta, a multidão das diferentes localidades, para lhe anunciar a abertura dos estabe-

lecimentos, a chegada de mercadorias e a baixa de preços (1).

Antes da vulgarização da Imprensa, foram estes anunciadores os primeiros agentes da publicidade.

Vestígios dêles, só os vamos encontrar nos pregoeiros municipais, que pelas ruas, ao som da caixa, iam lendo as régias ordens ou certas determinações camarárias mais importantes, procurando para isso os lugares concorridos em dias de mercado (2).

Mais os topamos no anunciar, pelos caminhos e cangostas, dos capadores (3), dos galegos da composição de louças e guarda-sóis, dos amoladores de tesouras e navalhas e dos vendedores de azeite e petróleo.

Os pregões dos vendedores ambulantes, que dão às cidades e vilas uma nota fresca de alegria e às ruas um expressivo aspecto de curiosidade e animação, são igualmente a imagem fiel dos passados pregoeiros.

Há terras onde estes pregões têm quentura poética e musical.

Coimbra e Lisboa são as terras dos mais lindos e cantarolados pregões, alguns dos quais não deviam desaparecer.

Os da nossa terra, tirante o de uma mulher que apregoa as castanhas, em dolência prolongada de notas, *vá, meninas, quentes e grandes*, são de meter na cadeia.

---

(1) *Psicologia dos Negócios*, por Francisco António Correia.

(2) Aí por 1640, os lugares públicos do costume onde se liam os pregões e mandados eram: o 1.º, na Praça Pública desta vila; o 2.º, entre as ruas dos Mercadores e Sapateira; 3.º, no Toural, à tórre de S. Domingos, da banda de fora; 4.º, no passo da rua de Gatos, entrada da Travessa; 5.º, em S. Lázaro; 6.º, na Cruz das Molianas; 7.º, no Chafariz do Toural. Os primeiros nomes de pregoeiros, que João L. de Faria encontrou nos livros da Câmara, datam do séc. XIV: Diogo Pires, 1328; e Castindo pregoeiro, 1343. Em 1439 aparece outro nome de pregoeiro: Vasco Anes. — (Catálogo dos Pergaminhos, pág. 92).

(3) Em 28-8-1830 foi confirmada pela Câmara de Guimarães uma carta de castrador de animais passada em Madrid a 10-8-1816 a Domingos Lamoso, natural da freguesia de S. Bartolomeu de Lamosa, bispado de Tui, e agora residente em Caldelas. Foi depois eleito juiz examinador dos castradores.

Vestígios dos comerciantes de há sessenta ou cinquenta anos, é que já não restam.

Estabelecimentos dessa época, lóbregos, acanhados, metidos no escuro das ruelas estreitas e lajeadas, e no fundo das apendradas, já não se topam.

O *Pataco*, com mercearia à Fonte dos Passarinhos (Fig. 1), foi o último modelo, cerimonioso e tradicional.

Usava invariavelmente a célebre capa de portas e o barrete redondo de seda preta, sebáceo, a fugir da nuca, chinela de bezerro e meia branca, de linha, vestimenta esta consagrada aos respeitabilíssimos comerciantes do passado.

O seu estabelecimento tinha o perfeito ar de concentração mística e supersticiosa, do mais aferrado praxista mesteiral de outras idades.

O balcão, pesado de madeiramentos, fechava em meio-círculo a estantaria, cheia de latas de biscoitos das Lajinhas e de Valongo e de garrafas de vinhos finos.

Os bacalhaus e as velas de sebo, as enleias e as escôvas de esírega, pingavam do teto, presos com baraças. A' porta, pousava a masseira do sal. Ao centro, ficava o candeeiro de petróleo, que descia por uma corrente de ferro, todo armado na largueza do seu quebra-luz reflector, feito aos gomos de vidro fôsko, para espalhar melhor a luminosidade fumenta da torcida aos lados escuros, onde os sacos de arroz e açúcar se empilhavam até ao teto de fôrro, e onde os gatos faziam espreguiçadoiro.

Ao canto esquerdo do balcão, e em cima dêste, ficava, à vista do freguês, para sua inteira conferência e confiança na medição, o depósito do azeite, lata espaçosa com tabuleiro à frente, para o piso das almotolias e funis e para as escorralhas das medidas.

Mais para o meio ficava o prato-taça de louça azul, com buraquinhos, onde escorriam os cagões da cachaça, que desde as primeiras horas da manhã, os cocheiros, os almocreves e os carregadores emborcavam na matadela do bicho, entre dois figos engulidos

com os pigarreios das goelas sêcas e o fumo chupado das coriscas lambuzadas de saliva.

Ao alto da estantaria sem vidraças, num orató-

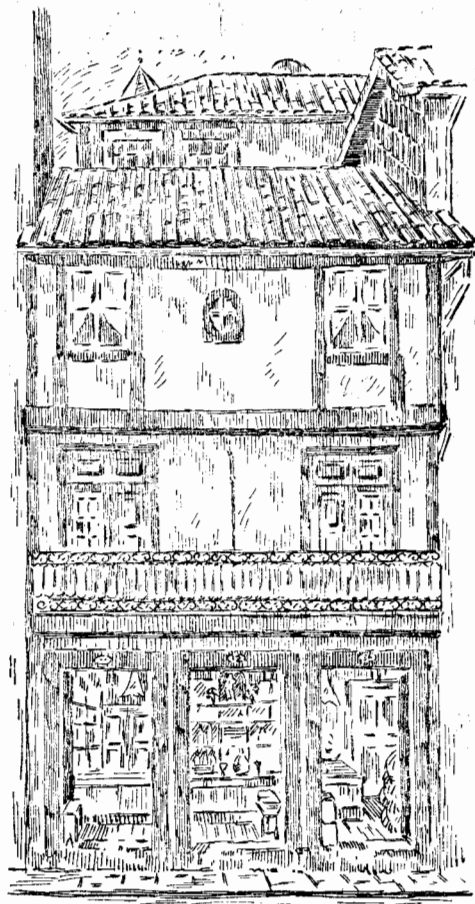


Fig. 1

*Estabelecimento de António Joaquim Pereira, o «Pataco»*

riozinho de madeira, estava Santo António a presidir ao feirar dêste velhote, o único que se manteve alheio aos progressos por que ia passando a sua classe e o comércio em geral desta terra, que a custo abriam

clareiras de luz, de elegância e de higiene aos seus estabelecimentos.

O *Pataco* teve muitos anos, no fecho da porta de entrada, a ferradura da felicidade. Santo António e a ferradura, as rezas do Meio-dia e das Trindades e os sacrifícios das madrugadas deram-lhe sorte. Ganhou bastos cobres.

Hoje, com aquela loja, museu de venerandas recordações do passado, de aspecto beatífico e bafiento, morreria de fome; faria adormecer todos os fregueses que lá entrassem, com o cheiro do petróleo, do sebo, do unto, do sal e do meio-grosso.

Fechou as portas e os olhos no dia em que foram criadas as brigadas do fisco. Se vivesse e se teimasse, ficaria pobre sem dar por ela, num abrir e fechar de mão, porque jãmais se entenderia com horários de trabalho, grêmios, sindicatos, descansos obrigatórios, géneros tabelados e impostos indirectos.

Viveu como vindo do seu tempo.

Um estabelecimento há ainda que tem a mesma fisionomia da locanda antiga, com todo o seu jeito do comerciar acapuchado do vèlho burgo conventual. E' o do Cândido da Rua Nova.

Ao fundo, o Santo António lá está, espreitando os mestres do bisegre e do tirapé, fabricantes experimentados das chinelinhas de verniz, os atanados ali, em pilhas, e as miúdezas numas estantes baixas e coridas.

O proprietário, respeitável ornamento do vèlho comércio, último representante do Monte-Pio Comercial e tesoureiro perpétuo dos foros do Cabido, saúda os seus amigos, da porta, com o barretinho de seda muito colado aos brancos cabelos da sua senectude sorridente.

Estabelecimentos havia que firmavam e eram o claro espelho do carácter dos seus proprietários. Tinham uma característica muito especial, alguns, pelo seu arranjo, pelo seu movimento de empregados e pela cerimónia e cortesia dos seus patrões.

Muitos comerciantes passavam, numa tortura de temperamento nato, a sua fraqueza por um purgatório de praxes supersticiosas ou ferrenhamente místicas, a que muitas vezes sujeitavam os fregueses.

Os balcões de alguns tinham, ao canto, uma correnteza de moedas falsas, cravadas a pregos de larga cabeça: coroas, tostões, dois-tostões e meios-tostões, todos os modelos sonantes da circulação fiduciária, querendo dizer que ali o freguês não seria encabado com demasias de leveiro chumbo.

Outros tinham ferraduras ao canto das paredes ou nas meias-portas desdobráveis dos estabelecimentos, e as tabernas e mesteirais mais afastados do centro, deixavam pingar o seu alho-porro das estantes desvidradas, de mistura com as tiras berrantes dos véelhos cartazes de S. Gualter, S. Torcato e S. João de Braga, que lhes serviam de colado fôrro (1).

Quási todos ostentavam o nicho de Santo António (2).

Ao bater do Meio-dia, certos suspendiam o seu negócio, paravam as falas, desbarretavam-se os fregueses a conselho e exemplo dos comerciantes, benziam-se, davam as boas graças a Deus e o feirar retomava depois a sua posição. Alguns benziam-se ao abrir das portas, e outros com o dinheiro das primeiras vendas.

Muitos, mais avelhotados, serviam os clientes de barrete na cabeça, ou de côco, davam a sua pitada de simonte ou o seu paivante, aos mais renitentes na compra, que marralhavam pavorosamente, naquela segurança do ditado que diz mais valer cavá-lo à lín-

---

(1) Não há quitanda no Rio de Janeiro em que se não veja pendurada à porta uma figa de madeira e raros são os autos de praça que os não tragam perto do assento do motorista. Livram do mau olhado, é crença popular. — (*As Colunas do Templo*, Rio de Janeiro, 1932, por Gustavo Barroso, pág. 348).

— No Nordeste do Brasil, quási tôdas as lojas e vendas ostentam um chifre de boi, pois é crença que chama a freguesia. — (*O Folclore mágico do Nordeste*, por Gonçalves Fernandes, Rio, 1938, pág. 12).

(2) Na Baía, quando as vendas ou mercearias eram quási tôdas pertencentes a portugueses, não havia um só dêsse estabelecimentos que não tivesse ao alto das prateleiras um nicho com pequena imagem do Santo alfacinha, diante do qual ardia uma lamparina dia e noite. — (*Cosme e Damião*, Baía, 1939, por João Varela, pág. 37).

gua do que à enxada, e lá iam gastando a saliva e o latim com o apreçoar do seu peixe.

O povo nunca leva a bem que se lhe não faça um abatimento ao preço pedido. Não gosta do comerciante com palavra de rei, que seja paulista, que peça e não se arrede do preço, que não faça uma *gracinha*, um *amorzinho*, como hábilmente classifica os abatimentos por pequenos que sejam.

Depois do ajuste feito, passa a dizer que o preço é da bôca, mas a medida deve ser da alma, e por isso que não rape, o negociante, as unhas, que não queira ir para o inferno, que deite mais um chisquinho e não estique, não enteze a fazenda.

Tudo isto e o muito mais do corolário persuasivo, obedece a uma psicologia penetrante de análise, de moralidade pessoal e sobretudo de íntima correlação entre a desconfiança do freguês e a manha interesseira do comerciante (1).

O metro, nos fazendeiros, as medidas do azeite e o fiel duvidoso das balanças, nos merceeiros, são sempre olhados com acurada agudeza pelo povo.

Há dois cartazes de moderna tática comercial que deviam despertar confiança, pois são o cristal da mais aberta franqueza e honestidade e deviam por isso carrilar o povo para os modernos recursos da venda, que mandam andar depressa com o mínimo dispêndio de energias e com a certeza de lucros positivos:

#### PREÇO FIXO — VENDAS A DINHEIRO

Pois não se entende com êles o nosso santo povo, que os rebate a todo o momento e os torpe-deia, julgando aquelas desconfianças sempre para os outros.

Nos grandes meios, aquelas normas de govêrno criaram uma nova orientação ao comércio, esclarecendo definidamente que tempo é dinheiro e o negócio é em resumo uma simples transacção de permuta,

---

(1) A um comerciante ouvi dizer algumas vezes: Quem não rouba o freguês, é ladrão de si mesmo.

embora a mercadoria passe as mais das vezes por muitas mãos de intermediários, figuras pouco simpáticas no concêrto da economia social.

Sabemos que os comerciantes de há quarenta anos, aqueles que punham ao cimo dos seus Borrões e Diários, de partidas simples de escrita, em vez do sêlo fiscal obrigatório, o sêlo dogmático de JESUS — MARIA — JOSÉ, ou as saudações cristãs de LOUVADO SEJA O SANTÍSSIMO SACRAMENTO OU BENDITO E LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO <sup>(1)</sup>, criaram uma certa defesa contra os fianços prejudiciais.

E o certo é que não alimentavam demasiado êsse vício, pois sabiam que o desleixo de muitos fregueses affiançados resvala ao calote irremediável, ou a prejuízos forçados, e defendiam-se, por vezes, com bizarros letreiros e normas encaixilhadas, que provocavam a vergonha e arredavam as tentações dos que fôssem animados a pedir *creto*:

AQUI NÃO SE FIA

ou

NESTA CASA NINGUÉM SABE FIAR.

Em diversas mercearias de Vizela e à porta de um chafariqueiro do Pôrto chegámos a ler:

HOJE NÃO SE FIA,  
AMANHÃ, SIM;  
OS MAUS PAGADORES  
O CAUSARAM ASSIM <sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> Um conhecido comerciante dessa época, numa clara afirmação de sinceridade, dizia êle, baniu aquelas tradicionais divisas, pondo no rosto dos seus diários: — *Deus me ajude com o que é dos outros, que o que é meu não chega a nada.* Estava certamente dentro duma lógica de verdade.

— Numa propriedade, em S. Salvador de Briteiros, lê-se numa tabuleta curta, ao cimo da padieira duma porta, que deita para as dependências do caseiro: — BEM DITO E LOUVADO SEJA O S.<sup>o</sup> SACRAMENTO.

<sup>(2)</sup> No lugar da Pousada, freguesia da Campeã (Vila Real): MEUS SENHORES, | PEÇO ATENÇÃO; | AMANHÃ FIO, | HOJE NÃO. — (*Tradições Pop. de S.<sup>to</sup>-Tirso*, por A. C. Pires de Lima).



Numa taberna de Coimbra e noutra de S. Miguel das Aves, existia o seguinte aviso:

AQUI NÃO SE FIA,  
NEM DE NOUTE, NEM DE DIA,  
PORQUE O FIAR DÁ-ME PENA,  
A PENA ME DÁ CUIDADO;  
SE EU HEI-DE VIVER EM PENA,  
NÃO POSSO VENDER FIADO. (1)

Um comerciante de panos, da Ponte da Barca, e alguns de Guimarães, antigamente, tinham nos seus estabelecimentos, em pontos visíveis, caixilhos ao dependuro com o seguinte:

#### PADRE-NOSSO DA CASA

*Fregueses nossos que estais atrasados, equilibrado seja o vosso crédito, venha a nós o vosso cobre, seja feita a vossa vontade, assim nas compras como nos preços.*

*O saldo nosso de cada conta nos dai depressa, perdoai as nossas exigências assim como nós perdoamos as vossas emulações, não nos deixeis ficar sem pagamento e livrai-nos do calote, amém. (2)*

Em Paredes de Coura, segundo informação do meu Amigo Casimiro Martins Fernandes, havia um comerciante de fazendas que tinha encaixilhado, e em sítio bem visível do seu estabelecimento, um curioso

(1) «Revista Lusitana», vols. V e XXI, págs. respectivamente 309 e 237.

(2) Usou-se muito, e ainda hoje se usa, adequar o Padre-Nosso a interesses diversos e comerciais, com a letra e variantes aplicadas ao fim a que a reza se destina. Assim, encontramos muitos P.-N. espalhados pelos almanaques e jornais. «O Comércio de Guimarães», de 4-1-1910, publicou um P.-N. dos lavradores; o «Imparcial», de 30-1-1905, um P.-N. dos cobrancistas; e o «Esposendense», de 30-7-1938, um outro P.-N. dedicado aos seus assinantes.

Todos eles são moldados em idênticos termos.

aviso aos fregueses, disposto em cruz e em glosa (Fig. 2).

Os comerciantes desta época pouco primavam no arranjo e boa aparência das suas lojas.

Os merceeiros eram desalinhados no arrumo das mercadorias e pouco limpos no aspecto geral da suas locandas; os capelistas e os chiteiros tinham só o cuidado espalhafatoso dos mostruários, à porta, em dias de feira, e os mercadores escolhiam as lojas mais sombrias, dando-lhes pintura bronzeada, e foscavam os vidros das bandeiras, os que as tinham, de verde-escuro, para que a claridade não viesse prejudicar a venda do pano azul do reino, dos veludos, dos merinos, da baeta escarlata dos saiotes, dos quartos, e da baeta crepe das saias.

Tudo isto é do nosso tempo, assim como as empanadas ou pequenos panais de lona, que vinham lá do século XVIII, e que os comerciantes punham em caída fralda desde as padieiras ao meio das portadas, para resguardo do sol. Depois vieram os toldos de ferro, de tirar e pôr, e por último os fixos, de rodízios e chumbadouros.

As tascas usavam as empanadas de madeira, girando em engonços ao centro das portas de entrada, por causa das vistas dos curiosos (1).

Os barbeiros tinham compridos e escuros cortinados às portas, por via dos ventos e das chuvas.

Tudo obedecia a uma ciência acondicionada, demais que a alma do negócio foi e é o segrêdo.

Não tinham a comodidade e a defesa, para as invernias, da caixilharia de vidro, e as portas eram de grossas couçoeiras, dobrando em duas e três fôlhas, chapeadas por fora, e encanastradas, por dentro, com tiras de arco de ferro.

Vitrinas para exposições, bandeiras com os nomes dos proprietários, tabuletas com a designação dos ramos de comércio, não existiam. Eram luxo de costa arriba para êste meio.

---

(1) Já de longe as vereações faziam guerra às empanadas. Em 11-7-1798 mandaram os da governança que em 3 dias os mestrais e vendedores a retalho tirassem as empanadas de madeira por causar disformidade ao prospecto público.

E' curioso notar que alguns mercadores, dos mais esclarecidos de intelligência, e que tinham os seus estabelecimentos um pouco arejados da toupeirice

**AVISO AOS FREGUESES**

*Quem entrar aqui em casa  
Repare bem nesta cruz :  
Não peça nada fiado  
Pelas Chagas de Jesus.*

*Peço a todos a atenção  
Para êste nobre letrado :  
Ninguém me peça dinheiro  
Que eu já digo que não ;  
Nem que seja meu irmão,  
Êsse mesmo não me emprazal  
Comigo ninguém faz vaza,  
De ninguém posso fiar,  
Nem que me peça a chorar  
Quem entrar aqui em casa.*

*Seja homem ou mulher  
Que venha aqui p'ra comprar,  
Tem logo de me pagar,  
Venha lá donde vier.  
Dinheiro é o que se quer,  
Pois só êle me seduz...  
Quando esta casa pus,  
Não foi p'ra me divertir :  
Quem aqui vier pedir  
Repare bem nesta cruz.*

*Enquanto pude fei  
A todos muita fazenda,  
Mas p'ra não ficar sem tenda  
Já de fiar me deixei.  
Bom dinheiro desperdicei,  
Por muitos fui enganado...  
Dêsse mal já estou curado ;  
Por esta razão eu digo,  
Quem quiser ser meu amigo  
Não peça nada fiado.*

*Quem me pede p'ra fiar  
Não é pessoa de bem,  
Porque eu nunca vi ninguém  
Com isso adiantar.  
Vejo-os andar a chorar  
Às escuras sem ter luz,  
Arrastando pesada cruz  
De tanto terem fiado.  
Não me façam desgraçado  
Pelas Chagas de Jesus.*

Fig. 2

bafienta em que respiravam os seus colegas, e já nos largos civilizados da cidade ocupavam prédios novos e modernos, tiveram a preocupação dos tetos capri-

chosos e esmerados, feitos de estuque, e das pinturas bizarras e policromas feitas a óleo.

E assim também, o mesmo capricho se notava nos estuques e nas pinturas dos tetos das casas solarengas e fidalgas, nas capelas particulares e igrejas públicas.

Por aqui andou a vélha escola dos apurados moldadores e estucadores de Afife.

Muitas pinturas desapareceram, e algumas restam, na maioria renascentistas, mas muitos estuques, aprimorados de beleza, existem ainda, rendilhados e floridos, que denotam o bom gôsto da época na escolha dos motivos e na execução dos modelos, feitos em barro.

As cercaduras e molduras parecem fiadas de capitéis uniformes da mais lavrada imaginária. Os centros e as cantoneiras são artesonados, e onde se combinam elegantemente os enlaçamentos de flores, frutos e variadas figuras simbólicas.

Perfeição tão grande existe em certos motivos miúdos, que as suas linhas de adôrno, correndo em simetria ao longo de compridos e espaçosos tetos, parecem folhos de renda arrancados da massa brunida do estuque, pelo poder habilidoso de um escultor de miniaturas.

Os motivos são diversos e variados.

Aqui, as cantoneiras e molduras das salas de visitas e de trabalho, bem nos parecem bocadinhos de talha do mais apurado gótico flamejante ou do brincado rococó.

As figurações e a simbologia entram no reino amoroso, cristão e da natureza.

Ali, nos quartos de noivado e dos esposos, os corações em chamas de querença, os cupidos de seta em riste, etc.

Acolá, nas salas de jantar, a fruta, em cachos, as flores, em ramos, e as fôlhas, em estilizações, ressaltam por vezes do esmalte de muitas côres vivas e lustrosas.

Nas igrejas e capelas a variedade é maior ainda, em símbolos, em figuras emblemáticas e históricas, e onde a iconografia largamente se representa numa harmonia e conexão de anjos, serafins, imagens sagra-

das, glórias celícolas, representações dos vícios e virtudes ao gosto da Idade-Média, brilhando por entre nuvens, nimbos e auréolas.

Tudo isto aparece representado em pintura e em relevos de gesso.

Nas boticas, aparece sempre a simbologia própria; nos Templos da Justiça e nos teatros, a sua figurada representação; nos mercadores, as figuras da Felicidade, do Mercúrio e a Cornucópia, assim como Deuses e Deusas da série mitológica nos edifícios e monumentos majestosos.

Lindos tetos de estuque e de pintura a óleo existem ainda (4). Todos os antigos edifícios de Guimarães os ostentam e conservam. Descobri-los, descrevê-los e anotá-los, seria um capítulo curioso que honraria essa arte dos estucadores, pavorosamente decaída e decrescente pelo poder das linhas rectas e dos caixotones.

Moldadores, estucadores e fingidores são artistas em decadência e que vão dando a vez aos fabricantes de lambris e azulejos.

Quási sempre um bom estucador moldava em barro ou cera os trabalhos a executar depois em gesso.

Façamos ligeira referência, porém, somente dos tetos que se ajustam com a índole deste trabalho, quais sejam os dos estabelecimentos locais.

O mais esmerado e vazado de cantoneiras é o do estabelecimento do antigo mercador do Pôço, à Rua de Paio Galvão. Ao centro, o Deus Mercúrio (Fig. 3), tem uma atitude curiosa e muito fora da vulgar representação do filho de Júpiter. A figura está sentada num fardo, numa das mãos empunha o caduceu, a insígnia de Mercúrio e o símbolo do Comércio e da Indústria, e na outra mão segura uma saca com dinheiro, simbolizando a prosperidade, a riqueza. Foi executado por um artista-estucador de Affe,

---

(4) Dos tetos principais em talha e madeira, policromados e doirados, dos nossos templos, nos dá referência Alfredo Guimarães, no *Mobiliário Artístico Português — Guimarães*.

em 12-4-1876, data que gravou ao fundo de um dos remates centrais.

Só mais duas lojas comerciais há com tetos de estuque, mas pobres de linhas e toscos de execução. A Casa do Alemão, no Largo do Conselheiro João Franco (Misericórdia), onde está hoje a Comissão de Viticultura, tem também a figura de Mercúrio, pequena, ostentando os mesmos emblemas do da fig. 3, e na atitude de caminhar atrás de uma galinha espavorida. E' uma estranha simbologia, executada, com as demais pinturas de pouca monta que a loja tem, em 1903, pelos pintores e douradores Anacleto & Filho (1).



Fig. 3 — O Deus Mercúrio, no estabelecimento do Mercador do Pôço.

A Camisaria Martins, no Largo do Prior do Crato (S. Francisco), ostenta uma pequena e tósca figura central, a Deusa da Felicidade, que deixa pender uma

(1) Ficámos admirados de encontrar na sala principal do prédio longos anos habitado pelo vimaranense Dr. Avelino da Silva Guimarães, e hoje pelo comerciante António da Silva Xavier, na rua de Paio Galvão, n.º 30, o Deus Mercúrio, como figura central, e na atitude da sua vulgar e freqüente representação. Os emblemas são os mesmos da fig. 3. A seus pés tem mais uma âncora, fardos e barris, significando a exportação terrestre e marítima dos produtos industriais e agrícolas. A figura é bem proporcionada e cuida-

cornucópia, símbolo do Comércio e da Agricultura, trasbordante de flores.

No geral não tinham gôsto, nem iniciativa, nem de comodidades se rodeavam, os nossos antigos comerciantes.

Nem se orgulhavam dos seus nomes no baptismo e uso comerciais, visto que era o povo quem dava voz e fama aos estabelecimentos, com as alcunhas com que alombava os seus proprietários, pois raros punham a sua graça ou firma a bradar em letreiros e tabuletas.

Tivemos então os mercieiros, os fazendeiros, os ferrageiros, etc., assim popularmente conhecidos: Chasco, Pilro, Tum, Cabrita, Baquetas, Cigarro, Pisco, Panóias, Xixuxexo, Prosódia, Olho de Pulga, Viscondinho, João da Maria Rosa, Pataco, Menino Jesus, Caldinhas, Zé do Arroz, João das Caretas, Celórias, Mercador do Pôço (Fig. 4) <sup>(1)</sup>, Sino das Onze,

---

dosamente modelada. As cantoneiras são mais tôscas, mas também significativas. A um canto, tem uma régua e um compasso; a outro, umas balanças; a outro, um tinteiro, uma pena e um pergaminho; e no restante, uns livros.

Todo êste conjunto curioso, feito de estuque, numa sala de um primeiro andar, seria estranhável, se a nota que segue, obsequiosamente fornecida pelo nosso Amigo João Lopes de Faria, não esclarecesse o assunto:

Em 29-9-1880 a Associação Comercial, que tinha a sua sede numa dependência da casa de que hoje é proprietária (no Largo do Conselheiro João Franco), mudou para uma casa da rua de Paio Galvão, que Domingos José de Sousa Júnior acabava de construir; mas, como ainda não estivesse concluída, desde 29 de Setembro até 22 de Dezembro do dito ano, foram as sessões realizadas em casa do Secretário, Joaquim da Costa Magalhães, no Toural, e só de 8 de Janeiro de 1881 em diante principiaram a ser efectuadas na nova casa da rua de Paio Galvão.

(1) A figura 4 representa o estabelecimento do Mercador do Pôço. Dentro do balcão desta loja, que é uma segura fortaleza de castanho, feito de tábuas inteiriças de regular bitola, com 73 centímetros de largo, encontram-se o seu actual proprietário, António Alves Martins Pereira, um dos ornamentos mais antigos do comércio local, e o seu vêlho empregado José Francisco Vieira da Costa, que morreu, agarrado ao ofício de servir e obedecer, com 73 anos.

António Alves Martins Pereira, conta já estiradíssimos anos de praça, uma longa vida passada ao balcão. Acomodado às adapta-

Bacorinho, Lixa, Campêlo, Bufa, Vila Pouca, Tamanqueiro, Fisga, Lôbo, Esquerdo, Caixeiros, Costa Queijo, Pimpona, Ratada, Palhares, Barroeiro, Africana, Preto,

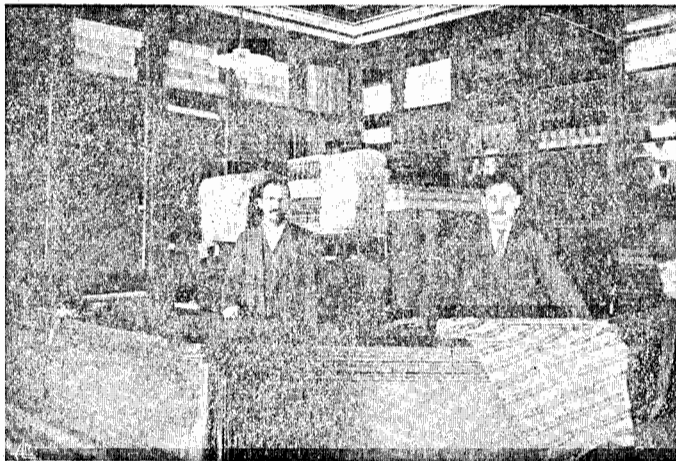


Fig. 4 — Estabelecimento do antigo Mercador do Pôço.

Cavalaria, Arreganha, Bafarada, Gaiteiro, Parrameco, Luís das Máquinas, Beato da Praça, Careca da Havana, Chafarica, Ruço da Praça, Salgado da Portugue-

ções duma moderna engrenagem corporativa, desenvolve ainda uma certa actividade comercial.

José Francisco Vieira da Costa, foi uma figura humilde de serviçal, dentro duma modéstia e honestidade que rematavam perfeitamente com a simplicidade com que vivia e com as despreocupações dos farrapos do seu destrambelhado vestuário.

Era uma figura típica, género antigo, vivendo isolado com as suas bôlhas atávicas, com os seus sonhos e os seus falares de íntima conversação consigo mesmo, e ainda vivendo mais com certas manias nervosas, adquiridas no correr da ingrata vida que levou de novo. Foi cobrador de dívidas perdidas e redactor infelizmente de um destemido periódico portuense, que o levou três meses à cadeia por abuso de liberdade de imprensa.

Foi um caixeiro excêntrico. Nunca obedeceu a luxos nem ao poder e fascinação das distracções. Nunca usou gravata e raras vezes punha chapéu. Afilia-se com as môscas e com os importunos.

Morreu sem nunca ter tido mais ambições que não fôsse a do sustento que lhe dessem e duma cama sem fronhas nem



sa, Vargas <sup>(1)</sup>, Manuel da Estrêla, Alemão, Machado das Medalhas, Manuel do Bacalhau, etc., etc. <sup>(2)</sup>.

E sem cerimónia dêste modo eram destacados no meio social e comercialmente dêste jeito referidos.

A outros, eram os mesteres ou os seus ramos de negócio que os destacavam no cadastro público: Costa padeiro, Eduardo padeiro, Avelino doceiro, Braga mercador <sup>(3)</sup>, Braga alfaiate, Martins chapeleiro, Abreu dos linhos, Cunha cerieiro <sup>(4)</sup>, José da sola, Joaquim

lençóis que lhe servissem. Fazia uma vida regrada, sóbria, casta e castigada de penitente.

O seu travesseiro era um traço de couçoeira e os seus cobertores eram o seu capote e algumas sarapilheiras.

Era um fanático, um misantropo. Pobre como nasceu, na mesma graça da pobreza deu a alma ao Criador, deixando um pé-de-meia de trezentos e pouco escudos, ajuntados durante uma longa vida de serviços vigilantes e variados, e mil escudos que o tio lhe dera e que êle sempre destinou fôsem para a Ordem de S. Domingos lhe fazer o entêrro e dizer uma missa de alma, para desagravo das suas impertinências e teimosias, que não pelos seus pecados e faltas.

Era um mágico, e no fundo um pobre de Cristo. Deve ter alcançado o Céu.

<sup>(1)</sup> E' a casa comercial mais antiga de Guimarães. Do século XVIII, a sua fundação deve andar aí por 1798. Passou por várias firmas e famílias. A firma actual é: Manuel Pinheiro Guimarães & C.<sup>a</sup>, Sucessores.

<sup>(2)</sup> «Quem há trinta anos se referia ao Tournal, referia-se implicitamente ao ponto da cidade onde se reunia o escol da gente da nossa terra, quer nos estabelecimentos que ainda hoje o ladeiam, quer nas ruas que então o atravessavam.

A *Casa Havaneza*, o estabelecimento do rotundo *Campos*, à esquina da rua de Mata-Diabos, o do *Miranda* das lotarias, mais tarde comendador e cavaleiro, a *Loja do Leque*, de Rodrigo Macedo, a do *Domingos de Freitas*, ou da *Custódinha*, a do *Joaquim Leite*, vulgo *Prosódia*, a do *Simões*, vidraceiro, a do relojoeiro *Jácome*, a do *João de Castro Sampaio*, depois de *Domingos Vargas* e do sr. *Braga*, que Deus conserve, eram tantos outros pontos concorridos e divertidíssimos, etc.» — («Há trinta anos o Tournal», na *Rev. de Guimarães*, vol. XXXI, pág. 34).

<sup>(3)</sup> A casa dêste comerciante atingiu em Março de 1939 um século de existência, cem anos de tradição e de trabalho (ver notícia desenvolvida n-«O Comércio de Guimarães» de sexta-feira, 2 de Junho de 1939).

<sup>(4)</sup> E' a segunda casa comercial que em Guimarães fez, em Maio de 1939, um século de vida (ver o mesmo periódico, de 19-5-1939, e «Notícias de Guimarães», de 28-5-1939).

tanoeiro, Martins relojoeiro, Freitas alfaiate, Fernandes ourives (1), Sousa ourives, Simão barbeiro, Joaquim marchante, Machado fotógrafo, etc.

A certos, ainda o lugar os especializa: Padeiro das Trinas, Padeiro de Relho, Vendeiro da Pêgada, da Cruz da Argola, Mercearia da Estrada Nova, etc.

As fábricas vão buscar os seus nomes aos lugares onde assentam os seus edifícios: Fábrica da Avenida, do Castanheiro, de Roldes, do Cavalinho, do Minhoto, de Vila-Flor, da Madroa, do Arquinho, etc., ou ainda dos artefactos: Fábrica das Malhas, das Meias, dos Pentes, etc.

Voltando atrás, diremos que é nas tabernas e hospedarias, de comêço instaladas em casebres de mau cariz, que se notam freqüentemente espalhados os seus títulos de reclamo e de competência culinária.

São uma interessante modalidade do folclore estes letreiros das casas de comércio, ainda não estudados nem referidos convenientemente, sob o aspecto variado que representam, como inclinação, educação e influência dos proprietários ou dos autores e inspiradores dêsses letreiros estrambóticos, que na maioria são de vulgar regra anunciadora, aparecendo por vezes alguns referentes às especialidades tradicionais da região.

Estes reclamos feitos ao gôsto do povo, davam certa notoriedade às casas que os ostentavam, e os fregueses acudiam chamados pelo sugestivo poder dos anúncios.

Pela altura das matanças, numa tasca da Rua Nova, por vezes aparecia o leteiro fumegante:

HOJE HÁ TRIPAS NESTA CASA,  
E PAPAS DE SARRABULHO;  
QUEM QUISER ENTRAR QUE ENTRE  
SE QUER ENCHER O BANDULHO.

---

(1) Este estabelecimento da Rua da República, passou últimamente por uma melhoria de bom gôsto, depois de ter atingido mais de um século de existência.

Pelas Festas Gualterianas de 1938, um tasqueiro de S. Dâmaso, tinha o seguinte e iluminado letreiro na varanda do seu prédio:

QUEREM FICAR REGADINHOS,  
NESTE TEMPO TANTO EM BRASA?  
VENHAM PROVAR OS BONS VINHOS  
QUE SE VENDEM NESTA CASA.

Numa outra, da rua de D. João I, em tabuleta de fôlha, onde um feirante de chapéu braguês e lódão empunha uma caneca do bom verdasco, lê-se:

ESPECIALIDADE  
EM VINHOS VERDES  
DAS MELHORES  
PROCEDENCIAS DO CONCELHO  
BONS PETISCOS  
JOGO DO CHINCALHÃO.

À entrada dos Palheiros, numa taberna, vê-se um figurão pintado em bandeira de fôlha, cómodamente sentado, com os dizeres:

ALTO AQUI  
DOMINGOS, ANTIGO  
VENDEIRO DO SARMENTO  
QUE TEM VINHO VERDE  
DA REGIÃO VIMARANENSE  
E SERVE A TODA A GENTE. (1)

No lugar da Pêgada, em Azurém, pousa uma afamada venda, que tem retiro com jôgo da bola e chincalhão, e organiza por vezes certas rifas com danças e festadas, tudo para o chamariz do negócio. Tem na locanda uma bandeira de fôlha, que leva para as romarias, no apregoar das suas especialidades.

---

(1) Mudou de figurado e de dizeres. Agora apresenta-nos um bolachudo Zé-Povo, a meio-corpo, de varapau, com as indicações: «Alto Aqui! — Bons Vinhos Verdes de Joaquim Alves dos (Palheiros)».

A pintura representa um criado suíço, afidalgado, toalha no braço, rosa encarnada na lapela e lista pendente com os dizeres:

BONS VINHOS E BONS PETISCOS  
CÁ DA NOSSA REGIÃO.

E ao cimo, como que o falar de um habitual freguês, em redondilha maior:

SENHOR JOSÉ DA PÉGADA,  
O SEU VINHO É MUITO BOM,  
FAÇA LÁ UMA ARROZADA  
E BOTE-LHE UM SALPICÃO.

Do outro lado da bandeira-reclamo, o Zé povo, de caneca branca em punho, elucida:

ALTO AQUI!  
BOM VINHO VERDE E BONS PETISCOS  
O VENDEIRO É O JOSÉ DA PÉGADA  
EM LUGAR DE UM QUARTILHO  
PEÇAM UMA CANADA.

Em duas tascas conhecidas, e outrora de grande freguesia, os dizeres semelhantes se liam:

QUEM QUISER VINHO BOM,  
VENHA Á CASA DO PAVÃO;  
ENTRAR E PEDIR,  
PAGAR E SAIR.

ALTO AQUI! BOM VINHO!  
NA TASCA DO PESCOGINHO;  
ENTRAR E PAGAR,  
BEBER E ANDAR.

Em improvisada bandeira de papel, aparece nos dias de feira, numa taberna de S. Paio, o seguinte chamariz:

ATENÇÃO!  
SOIS APRECIADORES  
DO BOM PINGATO?  
VINDE AQUI QUE  
É BOM E BARATO.

Numa mercearia e padaria do Largo de 1.º de Maio:

ATENÇÃO!  
NÃO ESQUECER ESTA PISTA:  
TOMAR DO MELHOR CAFÉ,  
E SE ASSIM O DESEJA SÓ DIZ:  
— MOIDO Á VISTA —

Numa mercearia da Cruz de Pedra, na frontaria do prédio, a letras de cartaz:

CASA  
SAGANHA  
MERCEARIA  
VINHOS E TABACOS  
ADEGA DO VERDIAL  
ANTÓNIO F. DA COSTA JUNIOR.

Numa outra mercearia, ao cimo da rua de Camões:

ESPECIALIDADE EM BACALHAU  
DEMOLHADO.  
BOM, LIMPO E BARATO  
VENDE-SE AQUI. (1)

Pela ocasião da Páscoa, costumam os marchantes, toucinheiros e vendedores de anhos e cabritos, enfei-

---

(1) Numa taberna de Lisboa: VERDE É O VINHO  
E SEM RIVAL;  
AQUI SE VENDE  
NÃO HA IGUAL.

(«Rev. Lusitana», vol. V, pág. 310).

Noutra, em Leiria: A VOZ E A FAMA  
AQUI VOS CHAMA.

No Campo de Ourique, viu Júlio César Machado êste anúncio a letras enormes:

NOVO RETIRO  
VINHO DE ARMAS  
SEM AGUAS  
AR  
DENTES  
PETISCOS.

(«Archivo Pittoresco», vol. V, pág. 117).

tar os seus estabelecimentos com floridos e berrantes galhardetes.

O sempre-verde, a murta, as flores e os papéis de côres andam num enlaçamento festivo e caprichoso de adôrno, desde os tetos das lojas às bandeiras das portas. Alguns dêstes comerciantes de carnes verdes, anunciam e proclamam alto a especialidade das suas viandas.

O talho n.º 11 do *Joaquinzinho da Praça*, êste ano, por entre os arranjos das paredes do seu estabelecimento, pôs em destaque estas sentenças:

*Os nossos clientes podem orgulhar-se das carnes que compram.*

*As crianças que comerem das nossas carnes, são a esperança da Pátria.*

*As nossas carnes são as mais baratas em pêso e qualidade.*

*Até os velhinhos podem comer das nossas carnes, por serem mais tenras.*

Nas proximidades de Viseu, estoutro:

NÃO PASSE SEM PARAR,  
NÃO PARE SEM ENTRAR,  
NÃO ENTRE SEM COMPRAR,  
NÃO COMPRE SEM PAGAR.

(Informação particular).

Em tôda a parte do mundo os letreiros das casas de pequeno comércio e o apelido das tascas são de um pitoresco e humorismo dignos de observação.

No Brasil, «alguns letreiros acompanham nas paredes pinturas infantis, em côres berrantes: Os quatro Diabos — O Canto da Brisa — O Diabo a Quatro — O Caminho da Verdade — O sol nasce para todos — Fiado? nem a meu pai — A Rosa dos Alpes.

Quem vende fiado,  
Perde o freguês,  
Fica logrado  
No fim do mês.

Em Santos, na praia do José Menino, está pintado numa fachada um barril com três cruces no tampo e isto: *O Calvário da Boa Pinga*. No Rio, numa frontaria pintaram uma pipa «falando»: *Vem, freguês, meu amor, espero apaixonado por ti! Vem, meu Anjo!»* — (*O Sertão e o Mundo*, por Gustavo Barroso, pág. 290 a 296).

— Em Belém, na Rua Bartolomeu Dias, vimos um estabelecimento que ostentava no frontispício uma vistosa alegoria alusiva aos dizeres: *O sol quando nasce é de todos.*

*Só aqui encontrareis a boa vi-      Quem das nossas carnes comer,  
tela de Fafe.                              alegria terá no viver.*

*Quem das nossas carnes papar,  
alegria terá no dançar.*

Por cá tivemos também os botequins do Vago-Mestre <sup>(1)</sup>, centro favorito do cavaco, Limas, Camanha, Bife, China, Púcaro, Fernandes e Avenida.

E temos hoje: o Café do Tournal, Sport, Oriental e Leitaria.

Tabernas e hospedarias de antigos tempos: Terinha, Pescocinho, Linha, Maria-mãe, Maçacuca, Pavão, China, Trás-de-S. Paio, Arcádia, Aliança, Gaita, Burras, etc.

E temos: Hotel do Tournal, Minho e Douro, Pensão de Guimarães, Pensão Império, Pensão Comercial, Casa Luzes do Minho, Retiro da Estação, Restaurante Teixeira Mendes, etc.; e as tascas: Adegua Confiança, Adegua Vitória, Farrapeira, Corta, Senhor-às-Costas, Pescôça, Papa-Ratos, Pomparrão, Carriço, Cara-Preta, Caleiro, Cantinho, Bambóia, Cuecas, Barroca, Covilhã, Pescada, Frita-Formigas, Boa-Tarde, Lixinha, Pitada, Cachiço, Réu, Cherri, Sardinha, Clarinha, Verdura, Gumercinda, Fraga, Grande, Pombinha, Testa de Nabo, Barato, Capacheiro, Bicho, Polícia, Amarelo, Cabrito, Riquêno, Pala, Olhos Piscos, Lapa, Piedade, Saleiro, Manuel Bicho, Marinheiro, Lambeco, Carteiro, Maduro, Taraua, Pierró, Britêlo, Maria da Estrada Nova, Saganha, Realista, Cagarim, Pão Amarelo, Ratinho, Chino, Calondro, etc., etc. <sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> Ver uma circunstanciada descrição dêste botequim, no vol. XXXIV da «Rev. de Guimarães», pág. 124.

<sup>(2)</sup> A rua de D. João I é a rua mais populosa da terra, e por isso a mais movimentada de comércio miúdo. Frutas e hortaliças à porta de qualquer cubículo de quarto se vendem; mercearias tacanhas, tem actualmente umas 7, e tascas 12. Algumas destas tabernas e mercearias, armam ao fundo o nicho de Santo António. Esta rua comunica com a estrada de Creixomil, freguesia de acrescida população e de intenso labor, no manual fabrico de pentes, cutelarias, tecidos, etc. Tem a estrada regular comércio de mercearias e vendas. Uma delas tem tabuleta caprichosa de fôlha: um suíceiro de caneca em punho escarrapachado num pipote. Quási tôdas têm o nicho de Santo António.

### Petições e Acórdãos:

O povo terçava também em defesa, impunha os seus direitos de vida e reclamava a moralidade dos costumes.

As Câmaras estavam sempre num constante legislar contra os açambarcadores e os desmandos gananciosos de mesteirais e tendeiras.

Os da governança olhavam pela sua gente, enquanto que as ambições corrompiam os vendedores de todos os géneros, numa falsificação permanente de produtos, de pesos e de medidas.

— Em 18-10-1800 fêz o povo representação à Câmara, pedindo que nas tabernas se não vendesse mais do que pão e sardinhas e proibindo que ali se vendessem carnes assadas e guisadas, fressuras, peixe, arroz e tripas, que tudo é prejudicial às casas de família e contra a lei novíssima que proíbe matar vitelas e novilhos, de forma que há menos de 15 dias se têm morto 11 vitelas e 5 porcos, tudo consumido nas ditas tabernas. A causa disto é o interêsse dos vendeiros, pois têm deitado várias famílias da vila a perder, nas desordens que dão em casa os maridos às suas mulheres e filhos, faltando a estes com o sustento. Se nas ditas tabernas não houvesse estas iguarias, não haveria tantas desordens.

Pedia também o povo para que os pasteleiros fizessem pastéis ou tortas, mas só para as casas particulares e para que os contratadores e toucinheiros não pudessem mandar os presuntos para fora do termo.

A Câmara deferiu todos os termos da petição, mandando acrescentar mais no pregão que nenhuma pessoa ou tendeiro podia vender feijão pelo miúdo, ao quartilho, e que se procedesse contra os atravessadores das galinhas, frangos, ovos, frutas e castanhas.

— Em 29-10-1800 voltou o povo com nova representação contra os *asumarcadores e revendões*, rendeiros apostados a *sumergir* e a *sacar* as próprias entranhas dos pobres, que lhes não resta mais que largar a própria camisa com que cobrem a sua nudez.

1.º — Requeriam os suplicantes que por ser público e constante que os lavradores e mais pessoas da



freguesia, costumam *asomargar* lenhas de sobreto para pôr em molhos e canhotos, tendo sido esta a causa da carestia em que se encontra, ainda porque a transportam para fora, fôsem castigados os ditos atravessadores, assim como os que comprem mêdas de côlmo para as revenderem;

2.º — Que os mesteirais de toucinho só possam comprar carne em verde para depois meterem em pilha, na praça pública da vila, não a podendo açambarcar pelas aldeias, proibindo igualmente o açambarcamento de porcos e presuntos;

3.º — Que os padeiros e padeiras sejam obrigados a ter pão branco e boroa com as onças determinadas pelo Senado;

4.º — Que os moleiros sejam proibidos de comprar pão nas feiras da vila, casas particulares e conventos, e esta compra só possa ser feita pelos padeiros do têrmo da uma hora por diante, e da mesma sorte os almocreves, tanto do têrmo como de fora dêle, ficando todos debaixo das penas de 6 mil réis e 30 dias de cadeia.

5.º, 6.º, 7.º e 8.º — Estes capítulos referem-se ao preço exorbitante por que são vendidos os vinhos, quer pelos rendeiros, quer pelos vendeiros, uns vendendo-o públicamente, com ramo, outros sem êle, ocultamente. São pedidas providências, não deixando que os vinhos transitem para fora sem guias ou licenças, etc.;

9.º — Que os mesteirais que vendem azeite e unto (metade dêste é sal, vindo de Trás-os-Montes e Inglaterra) os vendam por mais barato preço, atendendo ao bem público, etc.;

10.º — Que os oleiros não misturem ao barro de Prado o barro de S. João de Ponte, fazendo desta maneira uma louça de tão má qualidade que, logo que chega ao lume, estoira;

11.º — Que os almotacés dêem plena execução a tudo que está determinado em benefício do povo, e façam as correições precisas com tôdas as averiguações que mandam os mesmos acórdãos;

12.º — Que as condemnações feitas aos transgressores sejam metade para o acusador e metade para as despesas do concelho;

13.º — Que sejam notificados os atravessadores dos cestos e cestas que vêm à feira;

14.º — Que as peixeiras da alfândega sejam obrigadas a vender aos arrâteis e aos meios-arrâteis, beneficiando assim os pobres, que não podem comprar pescadas inteiras, e sejam obrigadas a fazer pesos miúdos;

15.º — Que sejam expulsas da Praça Pública do Toural tôdas as mulheres que estão vendendo doces, e que lá não apareçam em dia nenhum, porque não utilizam ao público, mas servem para descaminho de famílias e gulosos, e não é aquele o género de doces para doentes, fazendo por isso os ovos, trigos e lenhas muito caros. Que condenassem as que ali fôsem encontradas em 6 mil réis, e que debaixo da mesma pena deviam ficar as regateiras que na dita praça vendem figos, cominhos e várias sementes, pois que estes géneros se vendiam nas lojas dos mesteirais, mais baratos em preço e sem dolo nos pesos e balanças. (Seguem 150 assinaturas).

— E' curiosa a determinação aprovada em verificação de 12 de Setembro de 1812 relativa aos vendeiros e taberneiros:

1.º — Para evitar os preços excessivos por que vendem o vinho, género aliás tão necessário principalmente à classe dos trabalhadores, e para se evitarem as contínuas desordens que a maior parte dos taberneiros costumam consentir nas suas tabernas, franqueando jogos e consentindo nelas meretrizes, para assim os seus vinhos terem maior extração, e para se evitar que neste género de tráfico se ocupem tantos homens, nutrindo a ociosidade e abandonando os seus officios, com prejuízo do bem público, acordaram no seguinte:

a) restrição das tabernas na vila a um número certo e proporcionado aos moradores dela, escolhendo-se de entre elles os de melhor fama e reputação;

b) os taberneiros só poderão vender vinho da terra e de Basto, sardinhas e pão.

— Já em verificação de 16 de Outubro de 1802 tinham os da governança determinado que sendo as tabernas a causa da corrupção de muitos artistas,

onde vão jogar e gastar o sustento das famílias, se fixasse o número delas e seus locais, e só pudessem vender vinho, pão e sardinhas. Número de tabernas: três para venda de vinho maduro. Para vinho verde: Cano de Cima, 2; Cano de Baixo, 1; Santa Cruz, 1; Palheiros, 1; Santa Luzia, 2; Fonte Nova, 1; Toural, 1; Terreiro de S. Francisco, 1; Largo da rua de Couros, 1; Trás de S. Sebastião, 1; Caldeiroa, 1; Molianas e Trás-Oleiros, 1; Cruz da Pedra, 1; Rua de Gatos e S. Domingos, 2; Campo da Feira, 1; Rua Nova, 1; Trigais e Hortas, 1; Praça da Oliveira e S. Tiago, 1; Santa Maria, 1; Rua do Gado, 1.

— Em 16 de Outubro de 1830 voltou a vereação a determinar que apenas houvesse na vila 24 tabernas e uma de vinho maduro.

### **A psicologia e o valor dos anúncios:**

Quando entre nós, no seio de Guimarães, a Imprensa principiou a ter uma regular e duradoira vida, há coisa de cinqüenta anos, pouco menos, alguns comerciantes, dos mais lidos e atinados, deitaram-se à tentativa, ao luxo do anunciar. Levados a êste recurso talvez pelo crescer da concorrência, por novas exigências do meio ou por inteligente visão de cálculo, o certo é que, dentro em pouco, os pequenos semanários locais encheram-se dessa prosa variada de propaganda, de ritmo moderno, que passou a constituir leitura domiciliária e útil para as donas dos lares e para orientação do povo.

Nos grandes diários começaram a ter, essas páginas, uma técnica especial, que em breve se amplificou numa verdadeira arte de anunciar, com garantias palpáveis para os anunciados e para o público.

Montaram-se serviços especializados, aperfeiçoaram-se os modelos numa combinação artística para apresentar agradavelmente os anúncios, e em breve a evolução comercial e industrial começou a girar à volta do eixo publicitário da grande Imprensa, que a todos os cantos, de lés a lés, a tôdas as feiras e mercados, de Norte a Sul, levava indicadores preciosos e

revelações ignoradas das riquezas muitas que o País produzia.

E, mercê dessa nova técnica aplicada, espalharam-se e firmaram-se arrojadas tentativas, criando-se para as indústrias restritamente locais, de extrema sensibilidade artística, no arranjo manual de burilada execução, como sejam os bordados, as rendas, as flores, as afamadas especialidades de doce e demais curiosidades de adorno, de agasalho e beleza, um mercado escolhido entre as donas de casa do grande lar português.

Ninguém pode negar o valor da propaganda orientada e decidida. É benéfica em tudo: no campo industrial, comercial e político.

Vejam os vimaranenses se portaram nessa difícil arte de anunciar.

A leveza, a simplicidade, a repetição sistemática de palavras, numa timbrada mecânica, a graça e a curteza é que devem presidir ao arranjo do anúncio, para que os olhos depressa o abarquem e o pensamento velocemente o compreenda e fixe.

Os vimaranenses inclinaram-se para os anúncios graciosos, hoje muito em moda e utilizados nas revistas estrangeiras de publicidade.

E' preciso anunciar a tempo e com gosto. Todos os anúncios têm a sua oportunidade.

A chegada das estações, das modas, dos saldos, das pechinchas, dos modernismos, etc., são ocasiões únicas dos reclamos de série e de sorte, desde que o pensamento e a habilidade os liguem estreitamente à beleza e à elegante disposição do conjunto.

Vejam então os nossos periódicos de há perto de cinqüenta anos:

— No *Bazar da Moda*, ao Campo do Toural, há variadíssimo sortido de fazendas e confecções. Aviso às elegantes.

— No *Restaurante Rocha*, à Oliveira, não faltam saborosos e variados petiscos e bom vinho verde e maduro, todos os dias, excepto aos de abstinência que, para os escrupulosos, há bacalhau e sardinhas de recheio papa-fina.

— No estabelecimento do *Bom, Bonito e Barato*, com frente para a Rua da Rainha e Largo da Oliveira, há completo sortido de gravatas do mais apurado gôsto.

— A farmácia Dias, à Rua da Rainha, encontra-se aberta permanentemente, o que é de grande vantagem para a Humanidade enferma.

— No novo estabelecimento de mercearia a retalho, à rua de Paio Galvão, há grande sortido de vinho caro e barato da Real Companhia Vinícola. Experimente o leitor, se quer ver o que é guapo.

— O Terrinha também tem restaurante, aonde vende apetitosas e apimentadas comidas aos seus fregueses, acompanhadas do *espumante* de subir ao miolo. Os amadores que não souberem aonde é, façam procissão em volta da igreja de S. Sebastião, e com certeza encontram uma espaventosa vitrina onde se *aloja* grande número de *garbosas* garrafas de bom falerno.

— No estabelecimento da *Moda Universal*, à Rua Nova de Santo António, encontra-se, além de outras fazendas, um completo sortido de sevilhanas pretas, merinos, veludos e sêdas pretas, tudo destinado à próxima época da quaresma. Preços favoráveis. À *Moda Universal*, pois, amável leitora, se deseja bom e barato.

— Na Hospedaria atrás de S. Paio, recebem-se hóspedes a tôda a hora e cozinham-se boas petisqueiras por preços limitados. O vinho branco de Basto com que o Gaspar da Clara mimoseia os seus fregueses, é de arregalar o ôlho, a par de tudo o demais que ali se encontra próprio daquele estabelecimento, abstraindo da velha Helena, que com as suas rabugices causa arrelia aos fregueses, conquanto não deixe de ser boa mulher.

— Se o leitor quer fatos feitos com elegância, prontidão, nitidez e por favoráveis preços, dirija-se ao *atelier* do Fonseca alfaiate, à Rua da Rainha, ou ao do Baptista, no Campo de Franco Castelo-Branco.

— O Africano, à Rua Nova de S.<sup>to</sup> António, recebeu novo sortido de formosíssimas coroas funerárias, que vende com limitadíssima percentagem.

— Nas ruas de Camões e Nova de S.<sup>to</sup> António, continua a fabricar-se o magnífico e saboroso pão de *Ovelha*, e excelente biscouto de Valongo, próprio para chá.

— No estabelecimento do Lemos, à Rua da Rainha, há um grande sortido de formosas coroas funerárias. Se os leitores por fatalidade precisarem de alguma para dedicarem à memória de alguém, não deixem de comprar ali <sup>(1)</sup>.

*Quem às quintas e domingos  
Quiser boas petisqueiras,  
Não vá longe procurá-las;  
Tem no Rocha frigideiras.*

*De Basto o bom verdial  
Pode arder numa candeia!...  
Quem o beber ao jantar,  
Torna a bebê-lo à ceia. <sup>(2)</sup>*

*No restaurante do Rocha,  
que há pouco foi montado,  
há sempre que petiscar  
e tudo bem cozinhado.*

*Quanto ao vinho, é superior,  
posso bem alto dizê-lo,  
pois se chama da reserva  
e é da quinta de Sendêlo. <sup>(3)</sup>*

*Quem quiser ficar cambaio,  
Quer seja cristão ou mouro,  
Há-de ir a Trás de S. Paio  
A' jeropiga do Douro.*

*Quem quiser viver contente,  
Ver a vida tôda de ouro,  
Deve beber certamente  
Da jeropiga do Douro.*

*E agora pelo Natal  
Ela vale um bom tesouro,  
Porque não se encontra igual  
A' jeropiga do Douro. <sup>(4)</sup>*

1

2

*Acabou-se a jeropiga,  
Que havia em trás de S. Paio.  
E quem bebeu que diga  
Se ficou ou não cambaio.*

*Mas enquanto outra não vem,  
Há lá o belo verdasco,  
Como outro igual ninguém tem,  
Hotel, restaurante ou tasco.*

<sup>(1)</sup> «Vimaranense», anos de 1890-1891.

<sup>(2)</sup> «Religião e Pátria», de 17-12-1890.

<sup>(3)</sup> Idem, n.º 20, de 1891.

<sup>(4)</sup> «Vimaranense», de 21-12-1899.

3

*A vinte e cinco o verdinho  
E o melhor a trinta réis;  
Mas provaí (que belo vinho!)  
O de pataco e vereis.*

4

*Bebei! pois, bebei! bebei!  
Conselho de amigo vèlho:  
E ficai certos, sabeí  
Que é vinho cá do concelho. (1)*

---

ALTO AQUI!

*E' na casa do Lamego em S. Torcato  
Onde melhor se come e mais barato,  
Petiscos cozinhados à portuguesa  
Com a mais esmerada limpeza.  
Mas quem os quiser saborear,  
Há-de mandá-los preparar.  
Excepto em ocasiões de romaria,  
Que os haverá feitos todo o dia.  
A casa mais arejada e em bom local  
Boas frescas ao ar livre no seu quintal  
Tudo ali é atraente.  
Ao Lamego, pois, que ninguém ficará descontente. (2)*

— Querem apreciar os belos vinhos de Basto e os belos petiscos, vão à *Casa dos Petiscos*, da Rua de S.<sup>to</sup> António, que há pouco abriu de novo. Muita limpeza e economia.

*Beber um copo de vinho,  
do que atrepa e não faz mal,  
com um bem feito petisquinho,  
leva ao céu qualquer mortal. (3)*

Em prospectos, distribuídos pelas feiras e no final das missas, já alguns comerciantes anunciavam as suas mercadorias ao público em geral. Mas eram quasi sempre os que de novo abriam as suas portas à freguesia. Os velhotes, eram renitentes. Guarda-

---

(1) «Vimaranense», de 15-1-1900.

(2) «O Comércio de Guimarães», de 18-5-1900.

(3) «Imparcial», de 30-1-1905.

mos em nosso arquivo algumas dessas curiosas fôlhas volantes, onde entrava sempre a inspiradora veia poética.

— Manuel da Silva Leite anunciava:

«*Atenção! Muita Atenção!!!*

Também haverá sempre um bom sortido de queijo da Serra do escolhido a... dedo.

Está tendo uma venda extraordinária o esplêndido vinho branco do Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Fiúza, que nesta casa se encontra à venda, tal é a sua superior qualidade.

*Se quereis o bom café*

*Que em parte alguma haverá,*

*Ide à confeitaria Leite*

*Aonde sempre se encontrará.*

*A confeitaria Leite,*

*Que vós todos conheceis,*

*E' no Largo da Olivetra*

*Número catorze a dezasseis.»*

— Miguel de Freitas Oliveira, participava ao público a abertura de um novo estabelecimento com todos os artigos pertencentes à arte de pintor e caiador.

*Quem quiser comprar barato*

*A outra casa não vá.*

*Pois julgando aproveitar*

*A si próprio se enganará.*

*Não vos enganeis no número,*

*Pois fazeis nisso engano:*

*E' 14 e 16,*

*Rua do Dr. Avelino Germano.*

### **Os comerciantes dos nossos dias e a sua esfera de trabalho:**

Os tempos foram rodando, e sobretudo quando a guerra de 1914 terminou com os seus morticínios, parece que mais depressa rodaram, levando em queda sôbre queda, aqueles estabelecimentos mal alicerçados da *melicianada* perturbadora do estado económico do País, aqueles fabriqueiros que só o descrédito motivaram com a porcaria dos seus produtos, e aqueles armazéns de retém, que encareceram doidamente as fazendas e os géneros de primeira necessidade, empobrecendo o povo sem defesa e depauperando as reservas e amealhos das classes médias.

E principiou então a verdadeira luta, a luta das posições e do equilíbrio, a esforçada luta dos que



sobreviveram e dos que esperançadamente iam surgindo para o comércio, tentação sempre crescente de muitos e na maioria dos mais pobres e menos seguros de qualidades e de vocação, ou menos preparados de habilitações ou de cultura.

Outrora, para se chegar a mestre de qualquer officio, por modesto ou nobre que êle fôsse, sapateiro, alfaiate, pasteleiro, ou fabricante de ouro ou prata, tinha o concorrente de se sujeitar a um exame experimental, acabando em tanto tempo determinada peça da sua arte.

A industriais e a comerciantes subiam os mais medianos, por vezes os mais incultos, abalançavam-se os mais ousados, sem que se lhes exigisse uma prova da sua capacidade profissional, ou tivessem pelo menos um curso de educação especializada.

As Escolas Industriais e Comerciais foram criadas com o fim de espalhar estas benéficas normas e de criar competências dentro duma técnica e prática essenciais.

Os resultados ainda não foram atingidos, por deficiências várias e sobretudo porque essas escolas, que poderiam ser de grande utilidade para o progredimento das indústrias locais, são mal concorridas e deficientemente apetrechadas, pois ao lado do ensino teórico e prático deviam ter cursos especializados, onde a psicologia dos negócios e a orientação profissional fôssem estudadas nas mais diversas modalidades da sua compendiada estrutura.

Com o correr dos tempos, a feição comercial alterou-se; saíu da tacanhez mental da velhice. A guerra abriu outros horizontes, abriu o pensamento e os olhos da Humanidade, e carrilou para novos trilhos de exigências modernas e progressivas a vida renascente.

Os comerciantes sacudiram então o espírito supersticioso da sua tradição de mercadejar, e integraram-se no realismo dos tempos.

A indústria teve de se purificar, desprezando os vélhos mostruários e apurando o fabrico; o comércio teve de consolidar a sua posição. E assim o labor económico desta terra se foi mantendo, até que muito e muito a vida se foi dificultando, com novas despe-

sas, novos encargos, acrescidos impostos, uma nova guerra de interesses do Estado a exigir dos mais habilidosos e dos mais competentes outra firmeza de orientação, outros rasgos de luta, para melhor se poderem manter dentro da nova engrenagem tributária que



Fig. 5

MILAGRE. q̃ FES. O MILAGROZO. S.<sup>TO</sup> AN.<sup>TO</sup> A MEL. IOZE. PRA. DA. GRASA. DES=<sup>TA</sup> | VILA FAZENDO APARCER A FAZENDA. q̃ OS LADROINS LE TINHÃO. RV<sup>O</sup>= | BADO. DA SV<sup>A</sup> LOGEA E APARSEV NO BOEIRO. DE S.<sup>TA</sup> CLARA. A 8 DZ<sup>RO</sup> DE 1817.

a Nação impunha a todos os seus valores de rendimento, de produção e de actividade.

E eis que surgem as vitrinas, os caixilhos de ferro com cristais, os estabelecimentos modernos de correções de chapa, as exposições das últimas novidades, as tabuletas luminosas, em luz pirilampada, acende e

apaga, as sonoras anunciações dos artigos, um Paris miniatura à volta do Toural.

As ruas começaram a ter mais movimento, mais ruído, mais carácter; as tricanas mais asseio e os prédios outra côr, outro riso lavado de frescura.

Os estabelecimentos modernizaram-se, pintaram-se, e o Santo António, que foi o protector do comércio, como em Roma o Deus Mercúrio, e que brilhou em bastantes lojas com lamparina acesa no seu dia e jarrinhas de flores permanentes, foi apeado do trono e passou a existir agora, com o mesmo símbolo de crença, nos marchantes e toucinheiros da Praça do Mercado (1).

De protector e Santo dos animais doentes, passou a ser o vigilante dos que os abatem e sacrificam aos mais gulosos e suculentos apetites humanos.

Destino das coisas e dos tempos.

Pois Santo António, grandes milagres fêz aos comerciantes que a êle recorriam, quer pedindo-lhe sorte para os seus negócios, quer rogando-lhe a favora de deparar com roubos praticados (Fig. 5). Por sua graça levou a bom têrmo muitas embarcações de mercadorias e livrou dos ladrões muitos estafetas e feirantes nas longas caminhadas para feiras e mercados.

Desde o tempo da pirataria do século XVI até hoje, Santo António não faz mais do que valer a comerciantes, a lavradores e namorados.

Entra nas cascatas, nas rifas e nos anúncios.

1

*O' meu rico Santo António*

*Livrai-nos dêste demónio*

*Que se chama azar.*

*Desta vez a sorte grande*

*A's Novidades val parar.*

---

(1) A Irmandade de Santo António, da freguesia de S. Miguel de Creixomil, apesar da sua pouca importância, não admitia como irmãos individuos que exercessem as profissões de carneiros, porteiros e arreeiros, nem as suas mulheres ou filhos. — (*Guimarães e Santo António*, por Oliveira Guimarães, pág. 159).

2  
*Vinde todos juntos  
 E sem distinção,  
 Jogar à vontade  
 Na nossa inscrição.*

3  
*Santo Antoninho  
 Ouvindo nossa voz,  
 E' a sorte grande  
 Certa p'ra nós.*

4  
*E' só ter o trabalho  
 E boa vontade  
 Por pouco dinheiro  
 Ter a Felicidade.*

5  
*Com «pingo» no bôlso  
 Nada conseguis.  
 Jogai nas Novidades,  
 Se quereis ser feliz. (1)*

Outro anúncio da mesma casa e do mesmo género:

1  
*Passeando pelos céus  
 Num dia primavera,  
 Santo António, assim dizia:  
 Mas que farei dos Três Mil?*

2  
*Se quer's caçar a Taluda,  
 Corre lesto, corre já  
 A' Casa das Novidades  
 Que Sorte Grande ali está.*

3  
*E' isto que Santo António  
 Para cá mandou dizer:  
 — O Santinho prometeu  
 Muita gente enriquecer.*

4  
*Aproveita a ocasião  
 Dêste momento excelente,  
 Depois não chores por ver  
 O teu vizinho contente.*

5  
*A Casa das Novidades  
 A todos vai alegrar:  
 — E' esta uma das verdades  
 Que se vem participar.*

6  
*Num momento se enriquece,  
 — Dizem as grandes verdades.  
 E a Sorte Grande chegou  
 A' Casa das Novidades. (?)*

Até contra os maus pagadores era invocado.

«Noutros tempos, em algumas vendas do bairro piscatório, em Espinho, era costume colocar, em vis-toso nicho, um Santo António, junto do qual se liam os seguintes versos:

*Santo António, Santo António,  
 Dai-me muita freguesia,  
 Porque, se puder, um dia*

(1) Panfleto distribuído em 1938 pela «Casa das Novidades», anunciando lotaria.

(2) Panfleto distribuído em 1940 pela mesma Casa.

*Eu vos recompensarei;  
Ao vosso altar mandarei  
Duas velas e azeite.  
Para que o negócio se ajeite,  
Tudo isto eu farei.*

Ou ainda:

*O' meu rico Santo António  
Ajudai-me a vender  
A dinheiro, se puder,  
Porque fiado  
E' o diabo  
Para receber.» (1)*

Se dermos uma curta volta em rodeio da expansão local, no que se refere à fervilhosa vida do seu comércio, topamos uma certa transformação de elevada tendência para acompanhar o espírito innovado da época presente.

As tascas ainda conservam à porta o inestético e pouco decente ramalho de loureiro (2) ou de azevi-

(1) *Santo António de Lisboa*, por Mário Gonçalves Viana, pág. 156.

— A curiosa e típica rua da Ponte, em Braga, conserva ainda muitos estabelecimentos e baiúcas com a formação característica do seu primitivo arranjo, a que não faltam o nicho de Santo António e os alhos-porros da felicidade.

(2) Ver *Religiões da Lusitânia*, por J. L. de Vasconcelos, vol. III, pág. 571.

— «Dantes usava-se o ramo de pinho. Os romanos empregavam a era, também consagrada a Baco.

No *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, Maria Parda vendo as ruas de Lisboa com poucos ramos nas tabernas e o vinho caro, lamenta-se:

*Que foi do vosso bom vinho,  
É tanto ramo de pinho,  
Laranja, papel e cana,  
Onde bebemos, Joana  
E eu, cento e um cinquinho.*

Camões alude também: O' maravilhosa pessoa! Vós é certo que vos prezais de mais certo em casa, que *pinheiro* em porta de taberna...» — (Ver na *Rev. Lusitana*, vol. XXIII, pág. 125, artigo «Retalhos de um Adagiário», por José Maria Adrião).

nho, que dá felicidade, mas já não têm as tabuletas — *Tabacus Habalitados* —; não medem ao cêpo; vão tendo guarda-vento e algumas rádio, para consôlo dos fregueses demorados na puxavante decilitragem; os recintos do jôgo da bola, transformaram-nos em recantos de boa fresca para a batedela da sueca e bisca de três, da lambida, a copos, e muitas têm a sua combinada maçonaria de recovagem para a freqüência dos cômodos reservados (1).

Os barbeiros já não vendem bichas para sangrias; têm ainda os seus captivos canários para entretenga da freguesia; têm modernas cadeiras de encôsto e bancas de cristal e retiraram das portas as simbólicas bacias, penteadores de frocos, tesouras e a bola com rabicho de cabelo; nos mercadores já não se joga o solo nem a sueca, às tardes ou às noites, empregados tombando de sono, ali, a pé quêdo, e a madrugada

---

(1) Foi sempre curiosa a escrita dos taberneiros analfabetos.

Como todos sabem, os sinais são assim representados, com pequenas diferenças de tasqueiro para tasqueiro: Uma circunferência representa um tostão, quando pequena; e uma coroa, quando maior. As mesmas circunferências, cortadas por um traço perpendicular, representam metade das importâncias: meio tostão ou 250 réis. Uma circunferência com ponto negro no centro, dez tostões. O vintém é representado por uma linha vertical; dez réis por uma linha mais pequena, e cinco réis por um ponto.

Estes sinais cabalísticos eram lançados em fôlhas de papel borão ou em tábuas.

Outros a giz, atrás das portas, lá iam fazendo as suas contas. Nicolau Tolentino (*Obras*, vol. I, pág. 181) a elas alude nas suas sátiras:

De fatias nem o cheiro,  
 Por mais que às vezes as quis;  
 Que o carrancudo tendeiro,  
 Cansado de gastar giz,  
 Já não dá pão sem dinheiro.

Ver também, sôbre marcas, o «Boletim de Etnografia», n.º V, de 1938, a pág. 49.

Os padeiros costumam marcar nas roscas que vão para a lufa das romarias os preços por que devem ser vendidas. E fazem-no da seguinte forma: tôdas as roscas levam uns tantos orifícios, que a cozedura apresenta depois perfeitamente desenhados; cada furo, nas roscas pequenas, vale 50 centavos e nas grandes um escudo. Assim não há enganos para as vendedeiras.

esperando-os vigilante, para os empurrar para fora do chôco, ao bater da missa das almas (1); das farmácias desapareceram o gamão e as damas; as mercearias têm mais frescura, mais limpeza, mais luz nos rótulos coloridos e berrantes dos vinhos engarrafados e latas de doçaria, têm certo material de precisão, que incute no espírito do povo segura garantia de honestidade, como sejam as balanças automáticas, as medidoras do azeite e do petróleo e a máquina de cortar presuntos e fiambres, etc.; as padarias e os talhos têm asseio e limpeza, e os demais estabelecimentos enriqueceram as suas instalações debaixo dum modernismo condicionado ao merecimento dos artigos finos com que revestem, em mimo de arranjo e gôsto, as montras e monas de roca.

E não esperando, a geração dos novos comerciantes, pelas alcunhas do povo, mordentes e ridículas, nem deixando que as suas lojas adquiram arrevesados nomes de guerra dentro do concôrto social e dos grêmios associativos, lá foram praticamente, e na simplicidade dos tempos que correm, tempos de acção, de ligeireza e de actividade, pondo nas bandeiras das portas, nos cristais das vitrinas e no centro dos passeios, o que é pouco decente e condenável, e em tabuletas bispantes de circo, alguns, o chamadoiro das suas casas: Loja das camisas, Loja do Benjamim ou do Leque, Camisaria Martins, Loja Nova, A Moderna, Sapataria Luso, Sapataria Portugal, Chapelaria Claro, Casa dos linhos, Casa do ferro, Casa Pimenta, Casa Teixeira, Casa Paulino, Casa Roberto, Casa Santa Teresinha, Casa das meias, Casa das gravatas, Casa das novidades, Rainha do Mercado, Casa Celeste, etc., etc. (2).

Já anunciam em panfletos de propaganda volante,

---

(1) Noutros tempos foi proibido aos mercadores e tendeiros abrirem as suas lojas ou tendas, ou venderem, aos domingos e dias-santos, antes da missa.

(2) Algumas alcunhas de barbeiros: Sardinha, Vara-e-Meia, Bife, Tum, Mala, Piasca, Poveiro, Simão Côrado, Muá, Cartolinha, Mãe-olhe-ela, Frade, Minau, Carne-Assada, Príncipe, Pinguinhas, Chimpilro, Gregório, Zé da Bicha, Bruno, Figaro, Lapinha, Pombo, Sabão, etc.

em alto-falantes, em revistas de Turismo e nas páginas regionais dos diários de grande curso.

A prática vai-lhes demonstrando que para enfrentarem a concorrência, cada vez mais desleal e desunida, têm de desenvolver e aplicar intensos e novos processos do mecanismo mercantil, como sejam o reclamo, onde se anunciem os produtos e os preços, numa linguagem clara e de verdade, e o processo dos sorteios e dos brindes, hoje muito em voga. Estes sorteios estão vulgarizados e é por êles que se vestem as mulheres das fábricas e dos artistas.

Alguns anunciam e distinguem: *A casa que vende mais barato* ou *A casa que mais barato vende. Ao primeiro barateiro*, e assim por aí além nesta ordem razoável de aceno e de equilibrada medida. Outros há que se arrogam: *Preços das fábricas*; *Vender sem ganhar*; e dêste jeito em desordenada rebatinha de exageros e de absurdos.

Se desenvolvêssemos estes pontos de moralidade comercial, se estudássemos o jôgo de consciência e de inteligência do lojista, no entrechoque da sua cantiga verborrônica e das perjuras, quando quer suggestionar o espírito do freguês para o levar ao interêsse da compra, ou quando anuncia para o público em geral, no engalho de despertar atenções e emoções, e naqueles processos de rêde bem lançada com iscos tentadores de sofismados preços e expressões bazofiantes, por vezes de pouco apoio e confiança, talvez chegássemos a certas conclusões interessantes.

Não é nosso propósito também, e mesmo está fora do critério de arranjo que demos a esta pequenina mancha económico-etnográfica do meio mercantil de Guimarães, explanar os curiosos aspectos da técnica e da psicologia dos negócios (1).

Tampouco o valor essencial que presentemente os economistas atribuem às campanhas publicitárias aqui pode ter desenvolvida relação.

Tudo isto seria contrastável e daria manchas

---

(1) Nas lições que o economista Francisco António Correia realizou na Academia das Ciências de Lisboa, em 1934-35, sob o título *Psicologia dos Negócios*, vêm estes assuntos claramente postos e curiosamente desenvolvidos.



aliciantes, porquanto a fisionomia e as normas do agitado comércio e das besoirantes feiras, já não são ao sabor antigo, como Gil Vicente as focou, pela voz do Diabo bufarinheiro:

*Eu bem me posso gabar  
e cada vez que quiser  
que na feira onde eu entrar  
sempre tenho que vender,  
e acho quem me comprar:  
e mais vendo muito bem  
porque sei bem o que entendo,  
e de tudo quanto vendo,  
não pago sisa a ninguém  
por pratos que ande fazendo. (1)*

ALBERTO V. BRAGA.

---

(1) *Auto da Feira*, por Gil Vicente.